

**AFRICAN UNION**

**الاتحاد الأفريقي**



**UNION AFRICAINE**

**UNIÃO AFRICANA**

---

Addis Ababa, Ethiopia

P. O. Box 3243

Telephone: 5517 700

Fax: 5517844

Website: [www. Africa-union.org](http://www.Africa-union.org)

---

**CONSELHO EXECUTIVO**  
**Vigésima Sessão Ordinária**  
**23 – 27 de Janeiro de 2012**  
**Adis Abeba, Etiópia**

**EX.CL/719 (XX) Add.6**  
**Original: Francês**

**A INTEGRAÇÃO COMO UM FACTOR DO RENASCIMENTO AFRICANO**  
***(Ponto Proposto pela República do Togo)***

**A INTEGRAÇÃO COMO FACTOR DA RENASCENÇA AFRICANA**  
**NOTA DE APRESENTAÇÃO**  
*(Ponto proposto pela República do Togo)*

1. Durante a 9ª Sessão Ordinária da sua Conferência, realizada de 1 a 3 de Julho de 2007 em Acra, Gana, e consagrada ao Grande Debate sobre o Governo da União, os Chefes de Estado e de Governo da União Africana adoptaram a Declaração de Acra sobre o Governo da União **[Assembly/AU/Decl.2 (IX)]**. Nessa ocasião, eles exprimiram a sua convicção de que «**o objectivo último da União Africana é a realização dos Estados Unidos de África, com um Governo da União, tal como foi previsto pelos Pais Fundadores da Organização da Unidade Africana**». Eles exprimiram a sua vontade de dar respostas comuns aos principais desafios da globalização assim como a sua preocupação de reforçar o processo da integração regional através de um mecanismo continental eficaz.

2. Neste contexto, eles acordaram em acelerar a integração económica e política do Continente Africano e reconheceram a importância de envolver os povos africanos, incluindo os africanos da diáspora.

3. A partir dessa data, a implementação da referida declaração deu lugar à cristalização de pontos de vista sobre as modalidades da realização da integração, reconhecida por todos como uma necessidade, um imperativo, ou seja, uma via incontornável susceptível de promover o desenvolvimento económico e social, a paz, a segurança e o bem-estar das populações africanas.

4. Os povos africanos, para quem e em benefício de todas as estratégias reconhecidas aos níveis mais elevados, vivem numa angústia permanente de ver o seu Continente, a sua querida África, a viver na pobreza, não obstante as suas riquezas incalculáveis em termos de recursos naturais.

5. De igual modo, os povos africanos têm a ansiedade de ver realizadas as suas aspirações, entre outros, nomeadamente:

- A livre circulação de bens, pessoas e serviços;
- A residência dos cidadãos de um Estado membro de uma Comunidade Económica Regional (CER) no território de qualquer outro Estado-membro;
- A criação de um comércio mundial justo e equitativo para as suas produções.

6. Estas são as expectativas do quotidiano da maioria dos africanos e que conduzem a dúvidas sobre as perspectivas reais a respeito da integração, o que

é um factor determinante para o desenvolvimento de África, para uma África renascida, para a Renascença Africana.

7. Para remediar os erros cometidos até hoje, depois de mais de cinquenta anos de independência dos países africanos, é importante iniciar uma nova dinâmica de implementação mais rigorosa das políticas de integração regional e continental, concebidas no seio das Comunidades Económicas Regionais (CER) e da União Africana (UA), com o apoio de uma coordenação estrita e acompanhada por iniciativas e programas.

8. É nesta perspectiva que foi realizado o colóquio internacional "Paz Africana" sob o alto patrocínio do Presidente da República do Togo, Sua Excelência Faure Essozimna GNASSINGBE, sobre o tema: "**A integração como factor da Renascença Africana**". Este colóquio contou com a participação de personalidades africanas dos meios político, económico, universitário, da sociedade civil, do mundo dos negócios e da diáspora assim como representantes das Comunidades Económicas Regionais e da União Africana.

9. Os antigos Chefes de Estado da Nigéria, da África do Sul e do Gana, nomeadamente Suas Excelências Olusegun Obasanjo, Thabo Mbeki e John Jerry Rawlings participaram no colóquio.

10. No decurso dos seus trabalhos, os participantes notaram com tristeza que as CER e a NEPAD não desempenham suficiente e eficazmente o seu papel e que o processo de integração através do qual devem trabalhar para uma multiplicidade de instituições regionais e sub-regionais que se sobrepõem e fazem um duplo trabalho. Os participantes constataram também que para se caminhar rumo a uma integração continental verdadeira, a África deverá adoptar uma nova abordagem mais audaciosa e mais realista, segundo a qual são os primeiros interessados pela integração regional e continental que devem, de facto, desempenhar o papel de autores essenciais.

11. No final dos seus trabalhos, os participantes adoptaram uma declaração conjunta que figura em anexo, na qual foram formuladas recomendações para os Estados-membros, os Secretariados das CER, da Comissão da UA, os actores económicos, as organizações da sociedade civil e a diáspora, solicitando-os para redobrar esforços visando acelerar o processo da integração continental rumo ao seu desenvolvimento e à sua renascença, tendo em vista a sua afirmação no concerto das nações.

## DECLARAÇÃO

**PAXAFRICANA**

**FÓRUM PAN-AFRICANO PARA A PAZ E DESENVOLVIMENTO**

**COLÓQUIO INTERNACIONAL**

**Tema: «A INTEGRAÇÃO COMO FACTOR DA RENASCENÇA  
AFRICANA»**

**DECLARAÇÃO FINAL**

*Lomé, 19 de Maio de 2011*

Mais de cinquenta anos depois da ascensão dos países africanos à soberania internacional, a África continua a ser o continente menos estável sob o ponto de vista político e o menos desenvolvido economicamente. Vários conflitos e crises retardam o desenvolvimento e marginalizam-na no concerto das nações.

As diversas iniciativas e acções empreendidas em benefício da unidade e da promoção do desenvolvimento económico e social do Continente para responder às exigências dos povos não obtiveram um êxito visível.

Não obstante as suas grandes reservas em recursos naturais, a África não consegue valorizar as suas potencialidades económicas e humanas a fim de impor-se na arena mundial. É neste contexto que várias tentativas de políticas de integração regional e continental não contribuíram para a Renascença Africana.

Perante as mutações que caracterizam o mundo, com a criação de grandes blocos políticos e económicos, a integração africana é mais do que nunca um imperativo.

Para o reposicionamento do Continente na arena internacional e perante os desafios mundiais actuais, a “PAX AFRICANA” organizou em Lomé, de 17 a 19 de Maio de 2011, um colóquio internacional subordinado ao tema “**A integração como factor da Renascença Africana**”.

Sua Excelência Faure Essozimna GNASSINGBE, Presidente da República do Togo, presidiu a cerimónia de abertura dos trabalhos do colóquio, na presença dos antigos Chefes de Estado da República Federal da Nigéria, Sua Excelência Olusegun OBASANJO, da República da África do Sul, Sua Excelência Tabo MBEKI, e da República do Gana, Sua Excelência John Jerry RAWLINGS.

Participaram igualmente nos trabalhos do colóquio o Senhor Maxwell N’KWEZALAMBA, Comissário para Assuntos Económicos da União Africana, representante do Presidente da Comissão da União Africana, a Senhora Beneta Joko TARR, do Departamento dos Assuntos Políticos, Paz e Segurança da CEDEAO, representante do Presidente da CEDEAO, o Senhor Souleymane CISSÉ, Presidente da Comissão da UEMOA, assim como várias outras eminentes personalidades africanas dos ambientes político, económico, universitário e representantes da sociedade civil.

Os trabalhos do colóquio ofereceram a todas as personalidades a ocasião de proceder a uma análise profunda da implementação das políticas de integração adoptadas há mais de três décadas ao nível pan-africano e das Comunidades Económicas Regionais (CER’s).

Foi reconhecido que os objectivos visados não foram alcançados, devido à falta de audácia e de vontade política.

É neste contexto que os participantes constataram com tristeza que a “Declaração de compromisso de Monróvia dos Chefes de Estado e de Governo da OUA”, o Plano de Acção de Lagos e a sua Acta Final, o Tratado de criação da Comunidade Económica Africana assim como o Acto Constitutivo da União Africana não permitiram a realização da integração económica e política do Continente.

Por isso, tudo indica que a falta de um compromisso político forte, capaz de levar ao abandono mínimo da soberania dos países a favor das Comunidades Económicas Regionais (CER) não contribuiu para a criação de um núcleo federativo e de pólo único de decisão que deveria ter permitido à África assumir o seu destino.

A multiplicidade de instituições sub-regionais que se sobrepõem constitui também um entrave à integração.

A livre circulação de pessoas e de bens está sempre comprometida por vários obstáculos físicos e não físicos, nomeadamente a obrigação de vistos para sair de um país para um outro.

Na ausência de uma moeda comum, as moedas nacionais, atributos da soberania mas também elementos essenciais do processo de integração, deverão ser convertíveis nos espaços económicos africanos.

De uma forma geral, é claro que, para se caminhar rumo a uma verdadeira integração continental, a África deverá adoptar uma nova abordagem mais audaciosa e mais realista, com o envolvimento das populações africanas, que são os primeiros interessados pela integração sub-regional e continental e, por conseguinte, desempenhar o seu papel de actores principais.

Torna-se cada vez mais evidente que o desenvolvimento do Continente Africano passa por uma estruturação do sector privado que, por seu turno, deve ser considerado como alavanca principal do crescimento, do desenvolvimento e do surgimento económico dos Estados.

A África deverá enquadrar e ajudar a emergência de uma nova geração de empreendedores que esteja principalmente em contacto com a diáspora africana.

O domínio da ciência e da tecnologia na vida quotidiana dos cidadãos deve ter como objectivo a realização do **Ideal Africano** para a construção de uma civilização baseada em fundamentos seguros e próprios ao nosso ambiente. Este ideal pressupõe que a África se una e se desenvolva para alcançar uma nova idade de ouro.

À luz de tudo o que precede, os participantes ao colóquio:

1. Declaram que a integração económica e política de África é um imperativo e não uma escolha para a Renascença Africana;
2. Convidam insistentemente os países africanos a abolir a obrigação de vistos e levantar quaisquer obstáculos para a livre circulação de pessoas e bens no seio do espaço africano;
3. Convidam igualmente os países africanos para criar um observatório da livre circulação de pessoas e bens;
4. Exortam os países africanos a tomar as medidas necessárias para assegurar a vulgarização do conceito do pan-africanismo e da integração africana assim como as iniciativas empreendidas para o efeito, a fim de promover a apropriação efectiva por todas as camadas das populações africanas;
5. Recomendam a introdução do ensino das humanidades clássicas sobre a África e dos seus valores culturais nos estabelecimentos escolares e universitários bem como a criação de centros africanos de excelência para o ensino e investigação;
6. Recomendam aos países africanos para acelerar o processo de criação de uma moeda única africana, começando por assegurar a convertibilidade das moedas existentes;
7. Recomendam fazer do sector privado a principal alavanca da integração e do desenvolvimento do Continente e suscitar a criação de uma rede africana e da diáspora de empreendedores, promoção de jovens empreendedores e criação de um conselho mundial da diáspora africana;
8. Convidam os países africanos para assegurar a integração, com base em seus próprios recursos financeiros, ficando claro que a ajuda externa deverá ser apenas um suporte e não a fonte principal de financiamento das economias africanas;
9. Apela aos países africanos para concretizar uma racionalização rigorosa das Comunidades Económicas Regionais e uma avaliação profunda dos grupos regionais, tendo em vista a eliminação de duplos empregos, das sobreposições, das duplas aparências, etc. assim como de quaisquer aspectos que provocam uma depredação de esforços e de recursos, entravando seriamente o rumo para a integração africana;
10. Apela igualmente aos países africanos para abandonar as práticas herdadas desde as suas independências e dar um salto qualitativo,

juntando-se no seio de uma federação ou uma confederação a partir das Comunidades Económicas Regionais a que pertencem;

11. Exortam os Estados-membros das Comunidades Económicas Regionais para criar um Comité de Peritos de Alto Nível a fim de realizar um estudo profundo sobre a questão da federação ou da confederação;
12. Convidam a Comissão da União Africana e os Secretariados das Comunidades Económicas Regionais para examinar esta questão, em colaboração com a “Pax Africana” e as organizações da sociedade civil africana.

Em definitivo, trata-se de, para o africano, tomar a sua vingança sobre a história, reposicionando-se numa estratégia de ruptura a fim de ultrapassar o desafio do desenvolvimento. Para o efeito, é conveniente caminhar para uma “consciência” a fim de se alcançar a criação de um Movimento para a Renascença Africana.

Por outro lado, no final dos trabalhos, os participantes no colóquio endereçaram ao Presidente da República do Togo, Sua Excelência Faure Essozimna GNASSINGBE, o seu profundo reconhecimento por ter presidido à cerimónia de abertura desta reunião assim como pelo seu precioso apoio.

Eles exprimiram igualmente as suas calorosas felicitações a Sua Excelência Edem KODJO, Presidente da Pax Africana, por ter iniciado e organizado este colóquio que juntou várias personalidades africanas em Lomé, sob um tema tão pertinente para o futuro do Continente Africano.

Feita em Lomé, a 19 de Maio de 2011

Os participantes ao colóquio

AFRICAN UNION UNION AFRICAINE

African Union Common Repository

<http://archives.au.int>

---

Organs

Council of Ministers & Executive Council Collection

---

2012

# Integration as factor of African renaissance (Item proposed by the Republic of Togo)

African Union

African Union

---

<http://archives.au.int/handle/123456789/4156>

*Downloaded from African Union Common Repository*